



Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV

PROJETO DE LEI Nº ____/2022

Altera a denominação da “EMEF Brasil-Japão” para “EMEF Professora Ana Maria Hilário Muler” e dá outras providências.

A Câmara Municipal de São Paulo **DECRETA**:

Art. 1º Fica alterada a denominação da “EMEF Brasil-Japão”, localizada à Rua. Dr. Paulo Carvalho Ferreira, nº 94, Jardim Sarah, São Paulo, para “EMEF Professora Ana Maria Hilário Muler”.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

Sala das sessões, às Comissões competentes.

ELAINE DO QUILOMBO PERIFÉRICO
Vereadora

Palácio Anchieta
Viaduto Jacareí, 100, 5º andar, sala 515,
São Paulo - SP, CEP 01319-900
Fone (11) 3396-4815
www.saopaulo.sp.leg.br



Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei tem como objetivo alterar a denominação da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Brasil-Japão, situada na Rua Dr. Paulo Carvalho Ferreira, nº 94, Jardim Sarah, São Paulo, para EMEF Professora Ana Maria Hilário Muler.

A professora Ana Maria Hilário Muler dedicou-se ao universo escolar ao longo de sua trajetória profissional e vislumbrou a educação enquanto um processo de reconhecimento da cidadania através de um horizonte de ensino-aprendizagem baseado em valores democráticos de igualdade de condições, equidade, solidariedade e justiça social.

O impacto gerado por atuações da professora gerou efeitos positivos não apenas à escola em decorrência de sua dedicação, mas de igual modo à comunidade local, pois o estímulo e aperfeiçoamento dos comportamentos dos alunos e alunas tendo em vista os valores de justiça social e igualdade fomenta e colabora com o diálogo, integração e participação social e política da população local, fortalecendo os vínculos comunitários de forma a possibilitar transformações sociais concretas no cotidiano do alunado.

Com isso, levo a presente propositura, de inegável interesse público, à apreciação desta Casa.

ELAINE DO QUILOMBO PERIFÉRICO
Vereadora

BIOGRAFIA DE ANA MARIA HILÁRIO MULER

Palácio Anchieta
Viaduto Jacareí, 100, 5º andar, sala 515,
São Paulo - SP, CEP 01319-900
Fone (11) 3396-4815
www.saopaulo.sp.leg.br

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

Ana Maria Hilário Muler é a sexta filha de Adelina e Adão. Era uma família numerosa, com o total de sete filhos, sendo cinco mulheres e dois homens, que viviam em uma casa simples, construída pelo próprio casal na Rua Direita em Osasco.

A casa possuía um canteiro de flores logo na entrada e com diversas ervas para os chás caseiros de dona Adelina. Esse canteiro era cortado por uma escada que ligava o portão a uma varanda onde ficava a porta de entrada. Ao atravessar a porta, havia a sala da casa em que ficava a primeira televisão da rua, e que servia de espaço para a comunidade se reunir e assistir aos programas televisivos. Do lado direito da sala, era possível ver as portas para os dois quartos da casa e atrás da sala a porta para o único banheiro e uma escada que dava para a cozinha, que ficava em um nível mais baixo do terreno. À direita da cozinha tinha uma porta para a lavadeira, que por sua vez tinha uma entrada para o porão da casa, com um teto mais baixo, sem janelas, mas que se tornou um refúgio para leituras, estudos e breves cochilos no decorrer da vida de Ana Maria.

Ainda criança, Ana Maria assistiu seu pai, Adão, adoecer devido a um câncer de pele. Quando tinha 7 anos de idade, seu pai chamou-a, junto com todos seus irmãos, para ter uma conversa que viria a ser sua despedida. Em meio às palavras de Adão, o que ficou marcado na pequena Ana, além da necessidade de ajudar sua mãe Adelina, que só o estudo permitiria crescer e expandir na vida. E essa frase foi dita inúmeras vezes por minha mãe, a própria Ana Maria, para mim e para meus irmãos durante nossas vidas, com o intuito de nos manter focados em nossos estudos.

Adão faleceu ainda com 44 anos, e Ana Maria levou seu conselho a sério. Entre as brincadeiras que fazia na rua, ainda de terra, com as outras crianças da vizinhança e o auxílio às tarefas de casa, Ana também sentava-se no porão para estudar, fazer suas lições e ler todos os livros que podia. Kursou o ensino fundamental I em uma escola ao lado da igreja Santo Antônio que não existe mais, o ensino fundamental II no CENEART, fez o ensino médio na FITO onde também realizou o curso Técnico em Edificações. Em meio aos estudos, Ana

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

Maria fez sua carteira de trabalho aos quatorze anos de idade e já começou a trabalhar fora de casa. Trabalhou como secretária em uma escola de inglês.

Ainda na quinta-série, Ana Maria começou a ler Machado de Assis, que seria um de seus autores preferidos. Os livros eram seus amigos, pois tinham o poder de transportá-la para mundos até então desconhecidos, aproximar-se de histórias comuns, romances, outras cidades, países, diversos modos de vida e de ser. Isso permitiu que seu vocabulário se ampliasse, usando palavras como compleição, hercúleo, defenestrar, mentecapto, claudicante, entre outras tantas. Tinha sinônimos para tudo e ao mesmo tempo que tornou sua fala polida, também abriu possibilidade de se comunicar com os mais diversos tipos de pessoas. Ana Maria também passava tempo no porão datilografando lições de casa e mais para frente fazendo seus projetos para a faculdade de Arquitetura.

Contudo, não era só de leituras, estudos, trabalhos de casa, escola e trabalhos externos que Ana Maria vivia. A mesma que sempre relatou dormir cerca de 2 a 4 horas por noite, também participava do Movimento dos Focolares. Esse movimento foi criado por Chiara Lubich na Itália, em 1944, em meio aos ataques da Segunda Guerra Mundial em Trento, onde ela vivia. O movimento é criado a partir do Evangelho e do lema “o amor vence tudo”, pois foi a partir da fraternidade, e, principalmente, do amor, que o movimento auxiliou quem passava pela destruição da guerra e cresceu para levar amor a quem mais precisava.

O movimento dos focolares chegou ao Brasil na década de 50, se instalando no Recife e posteriormente chegou em São Paulo, abrindo um centro das ações em Cotia. Ainda com 18 anos, Ana Maria fazia parte do grupo que se reunia para falar sobre o Evangelho e realizar ações de solidariedade em diversas comunidades, escolas, famílias. Foi nesse movimento que conheceu João, com quem desenvolveu uma amizade e aos 22 anos, assim que finalizou a faculdade de Arquitetura, se casou.

João, que é o terceiro de cinco filhos de João e Aparecida, natural de Jaú, mudou-se para São Paulo para trabalhar e cursar a faculdade de Engenharia. Morava em uma pensão

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

para homens em Osasco e também se juntou às ações do movimento dos focolares. Após o casamento, Ana e João passaram a morar em uma antiga casa na rua Francisco Perotti, ainda em Osasco. Eles tiveram 4 filhos, dois casais, sendo que o primogênito veio quando Ana tinha 24 anos e a caçula aos 32. Ana fazia projetos de arquitetura de casa, enquanto dividia seu tempo cuidando dos filhos, e João trabalhava em uma empresa. Quando o casal ainda tinha apenas os dois primeiros filhos, Ana Maria tentou retornar ao trabalho externo, mas não conseguiu devido à não adaptação dos filhos à creche ou outro cuidador, por isso continuou com a rotina agitada com diversas atividades de uma mulher na sociedade, o papel de mãe e projetos de arquitetura sendo feitos de casa, inclusive o projeto de sua própria casa que foi reformada em 1990 – porém, até os dias finais de Ana, ainda tinha algo para arrumar na casa.

Em 1995, já com os 4 filhos, João foi demitido da empresa em que trabalhava. Com os filhos crescidos, com a licenciatura em matemática e com a necessidade de sustentar a família, Ana Maria começou a lecionar. Inicialmente dava aula do antigo “supletivo” nos Correios para os carteiros, mas assim que o contrato finalizou, fez concursos para dar aula no Estado e na Prefeitura. João já havia conseguido um novo emprego e precisava viajar para realizar a maioria deles, se ausentando da casa, ainda assim, Ana Maria continuou trabalhando como professora, cuidando dos filhos, da casa, fazendo trabalhos voluntários, lendo seus livros e dormindo suas 2 a 4 horas por noite.

Em 2001, Ana ingressou na Prefeitura de São Paulo como professora adjunta e posteriormente assumiu um segundo cargo como titular. E não dá para deixar de falar que sua trajetória como professora infelizmente não foi diferente do comum, pois precisava sacrificar vários momentos de seus dias se deslocando entre escolas, ou mesmo sacrificava sua alimentação para buscar os filhos nas escolas e levar para outro curso, para casa, onde quer que fosse. Além disso, também sacrificava suas noites ou finais de semana preparando aulas, corrigindo lições e provas, preenchendo diários de classe. Lembro-me que durante um ano sempre tinha um dia na semana que ela passava para me pegar em casa no horário do

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

almoço, ia buscar minha irmã no ensino médio e comprava cachorro-quente para que eu, ela e minha irmã comêssemos. Ela se sentia a pior mãe do mundo e pedia desculpas, mas eu achava aquele dia o mais divertido da semana, só não sabia dizer isso a ela.

Com o tempo, os filhos cresceram, os sacrifícios foram diminuindo e Ana Maria encontrou uma escola para chamar de seu lugar. Começou a trabalhar na EMEF Brasil-Japão, onde conseguiu manter os cargos e organizar um pouco mais a sua rotina, ainda que fosse comum sair de casa para trabalhar às 11h e voltar às 23h, sendo que com frequência conversava por horas comigo, meus irmãos ou pai sobre como havia sido as aulas, os diálogos com os alunos, o que fez e falou que gostaria de mudar. Era como se ela vivesse para ser professora.

Ainda na EMEF Brasil-Japão, Ana Maria foi empurrada contra os degraus de uma escada ao chamar a atenção de um estudante da escola. Ela ficou afastada por cerca de um ano enquanto tentava se recuperar das hérnias de disco e bicos de papagaio que se formaram em sua coluna e gerou disfunções na realização de atividades básicas como levantar os braços para lavar ou escovar um cabelo, ficar em pé, sentar, deitar. Tudo doía e incomodava. No entanto, algo que a incomodou muito foi a violência, o porquê disso, e do processo que foi realizado em que ela sempre voltava para casa chorando, pois sentia-se colocada como culpada por tudo isso. Foi após esse longo processo de um ano em que realizou inúmeros tratamentos, que Ana Maria retornou sua jornada como professora na EMEF Brasil-Japão.

Ao longo do tempo, Ana, que sempre foi uma menina-mulher curiosa e interessada em expandir seus olhares e mundos, sentiu a necessidade de retornar para os estudos. Com cerca de 50 e poucos anos ingressou novamente na faculdade, mas agora para se formar em Pedagogia. Queria criar novas formas de ensinar, de acolher as necessidades dos alunos e produzir conhecimento na sala de aula e nas ações extra-muros também. Após o término do

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

curso, iniciou uma especialização em Psicopedagogia, pois como dizia “no BJ a gente trabalha com inclusão, além de física e mental, também pelo contexto social”.

Em casa, ela preparava folhas com lições, as imprimindo e levava para a escola, de forma que os alunos não precisassem copiar da lousa e pudessem ganhar tempo desenvolvendo suas lições. Ana Maria juntava-os em grupos para resolver as atividades, assim os alunos podiam encontrar maneiras distintas de chegar ao resultado, não apenas guardando fórmulas. Abusava da geometria para explicar a matemática e das formas de aplicação para mostrar a importância dessa matéria no cotidiano e despertar o interesse em aprender.

Aprendeu, com a educação, a ressaltar só o que era bom nos alunos, já que a vida insistia em mostrar o contrário a eles. Quando precisava falar com os pais sobre o aluno, pedia para que a criança falasse como que estava se saindo durante as aulas, fazendo com que elas próprias se avaliassem em seus processos de ensino. Assim que o aluno falava, Ana Maria também colocava o que era positivo e incentivava-o a continuar se esforçando, pois os estudos têm a capacidade de ampliar mundos, assim como aprendeu com seu pai Adão.

Além das aulas, foram inúmeras as atividades da escola em que participou, em que se colocava à frente: as olimpíadas de matemática em que preparava lanche para os alunos e os levava, ou até mesmo as vezes que levou alunos na porta da casa para que não sofressem diversos tipos de violência, e nesses momentos, Ana contava que adorava ir até a comunidade conhecer onde os alunos moravam, suas famílias, suas histórias. É lógico que Ana não fazia isso sozinha – ela era uma sonhadora, mas tinha os amigos e colegas que sonhavam com ela e tornavam as ações possíveis, criando um corpo mais fortalecido para discutir questões sobre a qualificação da educação. E agora, com os filhos adultos, isso se tornou a vida dela. Ela vivia para ser uma educadora melhor, e só é possível construir uma

**Vereadora Elaine do Quilombo Periférico - 12º GV**

linguagem que chega ao outro de forma precisa a partir do momento que se entende a linguagem do outro.

Logo que fez 60 anos, Ana Maria, que trabalhou desde seus 14 anos, se aposentou do cargo de adjunta e alguns meses depois do cargo de titular da prefeitura. Ela achava que seria o momento de viajar, viver outras possibilidades, mas infelizmente não foi possível vê-la continuar em sua transformação, pois logo no início da pandemia de covid-19, foi contaminada e faleceu no dia 16 de abril de 2020. Pode parecer uma história de “filha coruja”, mas Ana Maria conquistou o meu respeito enquanto filha e terapeuta ocupacional do SUS que trabalha muito próximo às escolas públicas com crianças atravessadas por questões sociais, físicas, mentais e toda a complexidade da vida periférica.

Ana Maria é um exemplo do poder da transformação – ouviu o conselho de seu pai e seguiu. Até deu aula em colégio particular, mas se sentia viva mesmo trabalhando nas periferias, com o público marginalizado e suas histórias quase sempre construídas próximas a situações de violência. Ela usava tudo o que sabia, todos os seus dons, para auxiliar o próximo e esforçava-se para estar presente em todos os momentos que precisassem dela, sem nunca deixar de lado aquela menina que dormia no porão da casa na Rua Direita enquanto estudava ou lia algum livro. Ela se transformou, transformou os mundos à sua volta, mas nunca deixou de ser curiosa, sedenta por conhecer sempre mais e distribuir o amor e solidariedade que aprendeu com o movimento dos focolares.